

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Edvaldo Haroldo Nicolini

Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato

Santa Cruz do Rio Pardo/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Janice Zilio Martins Pedroso da Etec Orlando Quagliato, em Santa Cruz do Rio Pardo/SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista: -

Elaboração do roteiro da pesquisa: Janice Zilio Martins Pedroso

Local da entrevista: Plataforma Microsoft Teams

Data: 18 de agosto de 2021

Técnico de gravação: Janice Zilio Martins Pedroso

Duração: 55 minutos

Número de vídeos: 1(um)

Transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Número de páginas: 21

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, com o entrevistado Edvaldo Haroldo Nicolini, no ano em que a escola comemorou seus 50 anos, em 2021. O professor Edvaldo foi escolhido por ser docente do curso de Técnico em Agropecuária da Etec Orlando Quagliato desde 1997, atuando também como diretor da unidade escolar por dois mandados, no período de 2004 a 2012.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de 25 de setembro a 04 de outubro de 2021

Nome da transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Janice Zilio Martins Pedroso (JZMP): Ok, boa tarde Edvaldo.

Edvaldo Haroldo Nicolini (EHN): Boa tarde Janice, tudo bom?

JZMP: Tudo jóia! Nós já nos conhecemos, mas eu vou fazer a apresentação desse projeto pra gente iniciar nossa entrevista. Eu sou a professora Janice Zilio Martins Pedroso e agradeço muito a sua disposição de estar aqui nessa tarde, deixando seus afazeres de lado, o professor Edvaldo Haroldo Nicolini e poder me conceder essa entrevista hoje que é o dia 18 de agosto de 2021 na plataforma Microsoft Teams. Essa entrevista vai para o centro de memória da Etec Orlando Quagliato em Santa Cruz do Rio Pardo e será difundida no “Programa História Oral da Educação” do Centro Paula Souza, o site de memórias.

EHN: Legal!!

JZMP: Então nós vamos aí começar o nosso bate papo, né, e você que já é professor da Etec, já foi coordenador, já foi diretor, já assumiu várias atividades, já teve várias funções na Etec; eu gostaria que você iniciasse esse momento contando pra gente um pouquinho sobre a sua origem familiar pra essa entrevista de história oral de vida.

EHN: Tá bom. Então a minha, a história da minha família, a minha, acho que é igual a de muitos imigrantes que vieram povoar o interior paulista aqui né. Eu tenho a parte do pai, a parte paterna, são imigrantes, o meu avô era, veio da Itália. Até interessante porque a história dele é muito curiosa, porque ele veio com uma família de italianos, com o sobrenome dessa família, porque ele tinha outra origem. Meu avô era da região do Tirol, que foi na segunda guerra, no final da primeira guerra mundial a Itália pegou, então ele tinha essa origem austríaca, e tal, viveu nessa região da Itália, depois perdeu o pai, a família dele era de pequenos comerciantes. Ele perdeu o pai jovem e ainda jovem ele resolveu vir para o Brasil. Aí ele veio com a família Nicolini. E pegou o sobrenome dessa família. E a gente até não sabe direito da origem dele. Sabe que ele veio de Tirol ...

JZMP: Olha que interessante!

EHN: É, ele veio pra São Paulo, (onde) morou, chegou em Santos, subiu pra cidade de São Paulo, viveu com essa família um tempo, depois ficou adulto. Acho que trabalhou na construção civil em São Paulo. Manteve sempre laços com a família Nicolini que adotou ele como filho. Mas aí ele foi trabalhar ainda jovem como preposto da Companhia de Santos, a Companhia de Santos pegava as fazendas de café que não pagavam e ele ia administrar essas fazendas para a Companhia de Santos, que era tomada em dívidas dos cafeicultores. Foi pra Jaboticabal, lá conheceu a minha vó, a minha futura vó, casou com ela e vieram pra Santa Cruz. Então essa é a história. A minha vó por outro lado é espanhola, veio da Espanha também e tem uma história engraçada porque o pai dela era vice- alcaide da região de Málaga na Espanha. Em uma das viagens lá, eles foram pra cidade de Málaga, viram no cinema uma propaganda do café do Brasil. Onde mostrava as moças com vestidos rendados todas abanando o café, ficaram vislumbrados com aquilo. A minha bisavó, aí junto com meu bisavô vieram para o Brasil, mas na ideia de vir ganhar, trabalhar com o café e voltar para a Espanha. Fecharam a casa lá, deixaram parentes cuidando, só que nunca mais voltaram. Aí esse meu bisavô morreu aqui, minha bisavó criou as filhas, eram três filhas, uma delas, casou com meu avô e vieram pra Santa Cruz. Essa é a parte paterna. A materna, os meus parentes, minha origem são dos migrantes mineiros, que vieram pra região nossa aqui. Inclusive alguns são fundadores aqui de Santa Cruz, de São Pedro, então minha família é descendente desse pessoal mineira dessas famílias mineiras que vieram pra cá. Teodoro o sobrenome do meu avô, o pai da mãe. E meu pai e minha mãe se conheceram numa farmácia. Eles trabalharam em farmácia, casaram. Foram pra São Paulo, meu pai mudou pra São Paulo trabalhando com farmácia e meu pai sempre falava assim, que era engraçado essa história; ele sempre falava que filho dele tinha que ser melhor do que ele. Como ele era farmácia, trabalhava com farmácia, ele achava que eu tinha que ser médico (risos), na concepção dele a medicina era melhor que a farmácia. Aí ele faleceu em São Paulo e eu com essa ideia tentei medicina na USP, em São Paulo. Na época, eu já morava em São Paulo. Já era de Santa Cruz, nasci aqui mas estava morando em São Paulo. Aí tentei medicina na USP, passei na primeira fase, mas não consegui ingressar na medicina. Aí no cursinho, fazendo cursinho eu conheci uma moça, que virou minha namorada na época, e o pai dela era agrônomo, na verdade ele tinha um curso técnico superior em produção agrícola. Era da Ilha de Madeira, português. Ele me influenciou. Falou assim: vai fazer agronomia! Aí eu troquei a medicina. Deixei o sonho do pai de lado e fui fazer agronomia. Aí fiz Agronomia em Piracicaba e fiz também junto com a agronomia o curso técnico, a licenciatura em Ciências Agrárias. É pra dar aula né. E vim fazer o estágio aqui. Na verdade, eu nem sabia que Santa Cruz tinha uma escola agrícola. Porque eu estava tão longe daqui de Santa Cruz, apesar de ser daqui, mas morava em São Paulo ne, já estava perdendo laço com Santa Cruz. Aí na hora que eu recebi a relação das escolas

5 agrícolas pra fazer estágio da licenciatura, eu vi lá Santa Cruz do Rio Pardo. Falei opa, é minha cidade! Aí eu vim fazer o estágio aqui. Saí de Piracicaba e vim fazer o estágio aqui da licenciatura. Terminei a licenciatura em 96, 1996, conclui o curso também de agronomia licenciatura tudo junto e 97 eu já vim pra dar aula. Apareceu oportunidade pra dar aula aqui como professor. Foi assim que eu vim parar aqui.

JZMP: Olha só. Então o estágio... Você estava longe de Santa Cruz, o estágio te fez retomar e conhecer a Etec. Que coisa!

EHN: Fez eu me reaproximar dos meus laços de origem aqui que eu já não tinha nem a pretensão mais de voltar pra Santa Cruz. Morava em São Paulo, fiz a faculdade em Piracicaba, a ideia minha era partir pra ... ; eu já nem tinha Santa Cruz como um lugar que eu pudesse voltar. E foi no estágio da licenciatura que eu descobri Santa Cruz de novo e acabei, e mais interessante é que na agronomia, quanto eu tava terminando a engenharia agrônoma, eu tava assim muito indeciso, porque Piracicaba dizem que forma muito o agrônomo pesquisador e eu não gostava, não gosto de pesquisa, não era assim né.

JZMP: Não era sua área preferida.

EHN: Não era a minha área, não tinha essa pretensão de virar pesquisador. Mas, o agrônomo de campo também eu ficava assim meio né... aí quando eu fui fazer a licenciatura, foi aí que eu achei a grande área que eu gostei. Na verdade, eu sempre tive uma vontade, sempre tive uma predileção para a área de humanas; fazendo Agronomia, mas gostava da área de humanas, aí na licenciatura eu...

JZMP: Aí teve a confirmação.

EHN: Foi! Aí eu resolvi virar professor.

JZMP. Que bacana! Muito jóia. Então foi aí que começou a sua história com a Etec Orlando Quagliato. Então foi lá no estágio, e aí então depois do estágio você já recebeu uma oportunidade e virou professor da Etec.

EHN: Aí já, em 96 terminei o estágio, em 1997 eu já vim pra, teve oportunidade de, prestei o processo seletivo e já ingressei como professor aqui na Etec. Em 97. Aí foi quando comecei e era, e foi assim que eu descobri que realmente a minha grande vocação era ser professor.

Eu me identifiquei demais com as aulas, com a atividade docente e eu gostei muito. E a princípio eu tinha até pouca aula porque não foi assim um ... então na verdade eu vim até mesmo se fosse ver mesmo não era muito vantajoso o salário, mas eu falei era aquilo que eu queria... Aí depois com o tempo, foi ganhando mais aulas, fui incorporando mais aulas e fiz uma carga horária que me permitiu falar agora eu posso ficar tranquilo dando aula. E foi assim que eu fiquei. Aí em 99 teve um concurso público e foi aí que eu passei pra indeterminado na escola, em 1999. E aí continuei dando aula né, como professor. O curso na época era um curso bem diferente, o técnico em Agropecuária era bem diferente do que a gente tem hoje. Era um curso integral e tinha uma parte prática, umas atividades de prática profissional que chamava, uma parte chamava ATZ que é Atividades Práticas Zootécnicas e ATA- Atividades Práticas de Agricultura. E eu peguei bastante aula nessas ATA e ATZ que tinha dentro do curso, do currículo. E foi aí que eu me desenvolvi bastante nessas partes práticas; acompanhava muito os alunos na aula prática, tinha a parte do setor; aí já tinha a ideia da cooperativa, trabalhando junto com os alunos, fazendo o papel de gerenciar a fazenda da escola. Então foi assim que eu desenvolvi a parte de professor.

JZMP: A que legal, muito gostoso né. Quando a gente entra numa profissão, entra na área e se encanta com aquilo. E a gente vê esse encantamento mesmo, da forma como você fala, da forma como você conta a sua história. Então você falou um pouquinho de como que o curso era bem diferente, já emendando na nossa sequência, as aulas práticas né, você falou que tinha é, eram divididas essas aulas e o que que modificou atualmente? Você comparar o curso lá quando você entrou na Etec em 97, e aí o que que modificou hoje nessa parte prática do curso?

EHN: É então, eu acho assim, teve muitas mudanças curriculares nesse período todo né. Algumas foram boas, acho que a maioria foi boa mas também teve algumas que não foram tão boas assim. O curso atual, eu acho, eu não sei se é pra atender às vezes uma carga horária prevista na legislação, uma padronização do ensino técnico, então acho que diminuiu muito essas atividades práticas que eram feitas dentro da fazenda da escola. Então o curso agrícola, o técnico em agropecuária é um curso que não dá pra ser muito enquadrado num ensino técnico normal, um técnico de outras áreas, de outros eixos; você tem uma carga determinada, tem lá uma parte de prática, tem lá depois o estágio em algumas, e depois hoje o estágio já não é nem mais obrigatório. Mas o curso agropecuária, por ser um curso que tem que ter toda uma estrutura pra ser oferecido, que é a fazenda, do colégio, da escola, tudo tem que ser mantido pelos alunos. Então essa parte prática ela é muito mais intensificada na formação deles. Eles ganham essa responsabilidade de ter que tocar uma propriedade rural.

A cooperativa faz um trabalho muito bom, porque a cooperativa dos alunos que faz essa junção aí, mas essa ideia que o aluno já assume um protagonismo de ter que produzir na fazenda da escola, já eu acho que é um grande diferencial que o agropecuária tem até em relação aos outros, e durante esse tempo todo, dessa transformação curricular isso foi um pouco diminuindo. Hoje a gente tem o curso Etim Agropecuária que tem uma carga horária até razoável, mas não tem um espaço pra tantas aulas práticas. E agora vai mudar de novo. Então você vê que eu acho que isso é um ponto negativo. Essa diminuição do valor da prática na formação do aluno.

JZMP: É a gente vê aí um enxugamento do currículo, da grade curricular, esse tempo que você trabalhou aí no seu primeiro ano na Etec, eu acredito aí que até o horário das aulas era expandido.

EHN: É eles chegavam 8 horas da manhã na escola e vinham embora cinco e meia da tarde. Era uma convivência dentro da escola, almoçava, tomava café, muito grande com o aluno. Então essa convivência intensa dos alunos, entre eles e com os professores, com os funcionários, é uma vivência muito significativa para o aprendizado deles. Então assim, a gente aprendia muito com eles e eles aprendiam muito com a gente, porque a gente passava o dia inteiro com eles. Chegava as 8 horas da manhã e ia embora 5 horas da tarde, de segunda a sexta-feira. Hoje não. Hoje a gente cumpre o horário lá, vem pra dar as aulas, depois vem embora, depois tem os cursos mais a noite também, os outros cursos né, mas é antigamente a gente tinha uma vivência né com o aluno de vida mesmo de conviver com eles muito grande; eu acho que isso aí também era um diferencial muito legal. Um laço que a gente estabelece com os alunos né.

JZMP: É e essa questão da importância de tudo isso pra formação do aluno, pra sua identidade, a importância do aluno ter, é necessário pra ele todo esse processo pra formação, principalmente como você falou, no cuidado com a fazenda, no cuidado com as criações, com as coisas do campo, então isso é muito importante pra ele.

EHN: Então e o que também é legal, que a gente rompe aquela ideia de fazer assim ó, o professor não tem que educar, não a gente acaba, a gente assume sim o papel de estar com eles e servir de exemplo como ser humano, como pessoa e estabelece laços afetivos com o aluno e isso e assim a gente começa a perceber como é importante o papel, a figura do professor como um exemplo de vida, como, passando elementos de conformar o aluno, que vai ajudar na vida dele, exemplos de ética, de valor, de convivência, de superação de conflitos

8 dentro da escola, convivendo com eles; então isso aí eu acho que é totalmente revolucionário do ponto de vista da educação. Hoje dá a impressão que você convive no período da aula e vai embora. E não é só isso. Eu acho que a escola permitia essa convivência maior, era como se fosse um irmão menor, um filho que se criava laços mesmo afetivos de convivência; era muito tempo de convivência com eles, trabalhando, ensinando.

JZMP: É nessa época aí, nesse tempo, nesse teu trajeto durante o tempo seu como docente na escola, eu creio que você tenha desenvolvido bastante projetos na escola. E assim, eu gostaria que você compartilhasse conosco, algum projeto bacana que você fez pra escola, e se você teve o envolvimento de outros colegas do curso e se você se recordar, em mais ou menos quando que isso aconteceu.

EHN: Ó, eu lembro assim já no início como professor, a gente trabalhou, o Centro, eu também tive esse período todo, fazendo um adendo assim, nesse período todo da minha vida como professor, também houve momentos, acho que o Centro Paula Souza, também passou por uma grande transformação. Abriu, o Centro teve uma expansão muito grande e eu acho que a gente acompanhou isso né. E houve realmente uma pré-disposição da instituição, do Centro Paula Souza,, em investir numa qualidade de educação tecnológica importante. Então assim, eu peguei muito dessa ideia né. Então por exemplo assim, eu fiz um projeto junto com outros professores aqui da Etec que era o jovem empreendedor. Era um projeto do Sebrae, junto com o Centro Paula Souza. Foi feito nas escolas né, que era justamente para transmitir essa ideia do empreendedorismo. Hoje tá até na moda, mas lá em 99, era um embrião. Era uma coisa nova. Então a gente passou. Eu participei disso, foi um projeto muito interessante, os alunos gostavam muito das aulas, das dinâmicas, dos encontros, o projeto não era aula, eram os encontros que a gente fazia com os alunos, então foi muito legal. Foi o primeiro grande projeto assim que eu me lembro que eu gostei muito. Participou eu, participou o professor Reinaldo de Geografia, participou acho que o Beleze também que é outro professor da área técnica, então teve um envolvimento legal. Depois eu também participei com os projetos que a escola desenvolveu com o projeto dos parceiros Vitae, da fundação Vitae. Então a gente desenvolveu um projeto da piscicultura, que implantou a estação da piscicultura na escola, foi através desse projeto parceiros Vitae e depois fizemos um segundo projeto que foi a instalação do biodigestor, também pelo projeto Vitae. E o projeto Vitae eu acho muito interessante porque ele tinha uma característica que não era só montar uma estrutura na escola de um projeto. Não, tinha que ter uma forte vertente pedagógica no envolvimento do projeto. Então a gente criou na época, no segundo projeto Vitae que era do biodigestor, a gente criou o GEPEPI que era Grupo Permanente de Estudos e Projetos Interdisciplinares, 9

tava dentro do projeto, era um grupo de professores, o professor Durval que hoje não está mais na escola mas participou, foi ele que coordenou isso e todos os professores da área técnica também, e junto com os alunos a gente desenvolveu inúmeros projetos que já tinha essa característica de ser interdisciplinar, de ter essa vertente interdisciplinar, que não ficava só nas materinhas do currículo; então a gente fez projetos por exemplo, no GEPEPI, com relação à água, depois falamos de solos, de lixo, depois montamos um projeto de 5S, então foram vários projetinhos assim que a escola criou através desse grupo e que foi legal. O pessoal participou bem, os alunos se envolveram também, e foi assim um embrião legal também pra que hoje a escola tenha essa característica de poder envolver os alunos não só nos componentes do curso, mas também nessas atividades complementares, interdisciplinares e assim por diante. Foi muito legal.

JZMP: Quanto ganho pra escola né Edvaldo!

EHN: A gente aprende também muito. Eu acho que é ganho, um ganha a ganha, como é que a gente fala!

JZMP: É mão dupla! É um processo de mão dupla! Jóia. E agora nós vamos passar mais uma fase a frente aí da sua vida dentro da instituição. Num período que você atuou como diretor da Etec, que foi no período se não me falha a memória, 2004?

EHN: 2004 até 2012. Foram 8 anos.

JZMP: 2004 até 2012. Então como é que foi esse processo? Como é que você assumiu essa direção numa escola que já.... já tinha sede urbana nesse período né?

EHN: É tava começando, né a sede urbana.

JZMP: Tava começando, então você entrou nessa fase aí. Tava começando, tava em transe ainda.

EHN: É, então, em 2004, com esse processo de direção nas Etecs, que é um processo, acho que até cabe falar sobre isso né, que é um processo muito interessante de uma eleição, não é um cargo nomeado de cima pra baixo, então é um processo que torna a escola, as Etecs, as Fatecs de maneira geral, as visões do Centro Paula Souza é muito interessante porque permite que a própria escola, que a própria comunidade discuta os seus interesses e tire ali o

10 nome, faça uma eleição e tire o nome de um futuro diretor que é indicado depois pelo Centro. Então eu participei desse processo, de eleição, e depois de formação da lista tríplice, e depois a escolha como diretor, e foi assim; foi um momento muito bom pra mim no sentido assim de abrir uma visão no sentido maior da educação. Porque quando você é professor, por mais que você tenha a visão da importância do trabalho que a gente faz, a gente depende muito da gente mesmo. Eu organizo as minhas aulas, preparo o meu material, o professor é um trabalho, é lógico ele não está sozinho, mas ele depende muito mais dele mesmo né, o sucesso dele. Diretor não. Diretor o sucesso dele depende do trabalho de um monte de gente. É aí que entra o desafio da direção. É um trabalho de equipe. Diretor não faz nada sozinho. Não tem como fazer nada sozinho. Então essa visão, desse trabalho em equipe, de um trabalho que tem que envolver o coletivo da escola, a comunidade da escola, isso aí foi o que me abriu a cabeça como profissional e foi um passo adiante nesse sentido. Então foi assim uma época desafiadora pra mim, e a escola também, eu acho que a escola; é importante falar isso, a Etec também, nós passamos também e tal, nós passamos 2004, 2005 no processo do Centro Paula Souza. A gente pegou um período muito bom do ponto de vista de investimentos, de melhorias do ensino técnico, então a gente estruturou legal a escola, conseguimos montar laboratórios, conseguimos dar uma condição de ensino melhor na estrutura da escola, ganhamos máquinas agrícolas, os setores ficaram bem articulados, então, foi um momento muito legal, esse ganho gerencial, essa visão da gestão da educação, pra mim foi muito valioso, eu aprendi muito como diretor nesse período, e, já tocando no assunto, foi quando a gente também tivemos a ideia, passamos pelo período da escola ter duas sedes. A gente teve que ampliar a oferta de cursos, a gente saiu do Agropecuária e criamos inúmeros cursos: Segurança do trabalho, Meio ambiente, Agroindústria, Alimentos, Administração, Contabilidade, Informática até, saímos de um curso e abrimos onze cursos num período curto assim e a escola, pra atender tudo isso, ganhamos aqui a sede na cidade, que começou primeiro na gestão anterior da Leni, já começou na anterior, em 2004, acho que antes um pouco, com o curso de enfermagem, que funcionava numa escola Arnaldo, aqui em Santa Cruz, e, depois, quando eu entrei foi ampliando, ampliando. Aí fomos para uma escola maior para Maria José Zilda, né?

JZMP: Maria José Rios

EHN: Rios, desculpa, Maria José Rios, depois viemos pra antiga Delegacia de Ensino, ficamos lá um bom tempo, uma pena que o prédio se deteriorou por conta de ser um prédio histórico antigo, e hoje estamos no Sinharinha, mas sempre com aquela ideia que necessitamos dessa sede urbana, própria nossa, porque sabemos que temos que atender;

11 conquistamos essa clientela aqui em Santa Cruz, e temos que atender agora de uma maneira mais condizente, então é a nossa luta que continua.

JZMP: A luta que não vai parar, a luta não para, era um sonho a sede própria, conseguiu-se a antiga Delegacia de Ensino, eu me lembro Edvaldo até de um projeto que você propôs pra fazer a reforma do prédio, eu me lembro desse projeto.

EHN: Foi, nós investimos porque acreditávamos que pudéssemos reformar e resgatar o patrimônio histórico que o prédio representa, fizemos o projeto com isso, mas infelizmente a gente não caminha como a gente quer. Mas eu acho que a gente aprende tudo mesmo quando a gente não conquista o que se deseja, a gente também aprende, então hoje estamos aí no Sinharinha, compartilhando lá o prédio do Sinharinha, e sempre na ideia que nós vamos ter a sede aqui mesmo na cidade, porque eu até falei e sempre converso com a Leni, que é nossa ex-diretora, antes de mim, porque a escola agrícola até antes dela, bem anterior a escola agrícola era vista no município, com uma visão um pouco pejorativa até, eu digo assim uns 30, 40 anos atrás, que era como se fosse um depósito de jovens problemáticos, lá na fazenda era o curso que tinha lá, da Agropecuária. Você quer mandar jovens com problemas, manda pra escola agrícola. Era assim que era vista. Era um lugar feio, que ficava longe, até quando eu era diretor eu até achava muito engraçado que ligava pai perguntando pra mim assim: como é que eu faço pra internar meu filho aí na escola?

JZMP: Internar.... (risos)

EHN: É como é que eu faço pra internar o meu filho aí na escola? Eu falava assim, mas aqui não é instituto de internação, aqui nós não cuidamos, aqui é uma escola. Mas era assim que era vista. Um patinho feio: jovens rebeldes, indisciplinados, problemático era assim que era vista a escola. Isso mudou. Já começou a mudar lá antes com a professora Leni, quando ela foi diretora, e aí a gente continuou e mudou muito isso aí. Nós ganhamos uma credibilidade aí no município, na região de uma escola séria que forma alunos com qualidade, criamos o ensino médio regular, que a gente não tinha; era, sempre foi integrado ao técnico né em agropecuária, oferecemos o ensino médio regular e foi um curso de ensino médio de muita, muita qualidade com professores excelentes que não deixam, não devem nenhuma coisa igual para as escolas particular, vamos bem no Enem. Então assim, tudo isso aí foi conquista não só de prédio, de espaço, de laboratório. Não, mudamos a visão da escola, da Etec ao longo desse tempo todo, e a gente tem que continuar fazendo esse trabalho para não perder isso. Hoje ela tem, a escola tem uma visão, ela passa uma visão de uma escola que forma

peessoas 12 conscientes, profissionais bons que tem professores excelentes. Então, é isso que a gente continua fazendo, é isso que a gente tem que fazer pra não perder o fio da meada.

JZMP: Com certeza né! E prova disso é a colocação dos nossos alunos aí né, cada vez mais a gente tem notícias que estão bem colocados no mercado de trabalho. Estão trabalhando na área, então isso é bastante gratificante como escola. Creio que um dos grandes desafios foi esse trabalho de gerenciar as duas escolas. Aí você tinha uma escola lá, e outra aqui, e aí você tinha que cuidar de tudo isso. Você acha que esse foi o seu grande desafio ou você teve outro desafio maior que esse?

EHN: Não, eu acho que esse foi um grande desafio, por quê? As duas sedes elas têm demandas diferentes. A escola agrícola ela é uma fazenda com internato, os alunos moram lá dentro. Então você tem que se preocupar com tudo, o espaço físico enorme, os animais que são criados lá dentro, os alunos que vivem lá dentro, com funcionários, então assim, é uma outra enfoque. Aqui na cidade é uma escola que atende o município, com os cursos do ensino médio, do período diurno, depois a noite também; que tem as demandas aqui também bem diferentes de espaço, de laboratórios, de atender bem a formação educacional; então e comunicar isso, manter essas duas sedes juntas, unidas, com uma comunicação efetiva que todo mundo se comprometa, motivar esse grande número de interesses, eu acho que esse foi o grande desafio nosso. E de se manter assim. Eu lembro que várias situações durante o período em que fui diretor, depois também posterior com a Leni de volta, sempre tinha aquela ideia: não é melhor separar? Não era melhor cada uma virar uma Etec e cada um tocar seu barco? A gente, não, não, nós queremos permanecer unidos, nós tínhamos esse compromisso de estar juntos, de enfrentar os desafios juntos. Então acho que isso aí foi, foi, acho que mostra muito esse compromisso nosso. Do que o nome da escola, com o nome da Etec de não dividir, de se manter, de juntar professores de diferentes áreas, administradores, o pessoal da informática, e manter tudo isso junto num compromisso de educação. Eu acho que isso que é importante pra escola, isso que nos uniu. O que poderia ser um motivo para desunir, que seria essas diferenças e tal, duas sedes, até é o contrário. Ajudou a se unir mais ainda. Então isso também acho que foi um trabalho desafiador.

JZMP: Exato. Você falou pra gente sobre os projetos que você participou lá como professor. E agora como gestor, como diretor da Etec, nesse período, que você assumiu a escola e prosseguiu nos anos seguintes. Você desenvolveu algum projeto nesse período da gestão e o que que ele, qual que foi a importância dele pra comunidade escolar?

EHN: É então, talvez o grande projeto que eu participei, foi um curso que foi oferecido pelo Centro Paula Souza, começou pelo Centro Paula Souza. Era a elaboração e um plano diretor para as escolas agrícolas. Esse curso foi oferecido com professores da Esalc e da Unesp de Botucatu, que era a ideia de criar um plano diretor da fazenda pra gerenciar a propriedade, mas também com essa visão do ensino agrícola. Foi um curso, uma capacitação até longa, de vários, uma carga horária grande, só diretores das escolas agrícolas participaram na época dessa capacitação. Mas esse curso abriu a mente da gente, porque era um curso que dava essa visão do planejamento estratégico de uma instituição, da escola agrícola. Eu aprendi muito com esse curso. Aí no final resultou na elaboração nossa do nosso primeiro plano diretor das escolas agrícolas e nesse plano quando a gente montou, a gente estabeleceu metas e o Centro Paula Souza atendeu essas metas. Então, muitas coisas que a gente conquistou de reformas, de ampliação, de máquinas, de laboratório veio nesse primeiro plano diretor que a gente fez. Foi em 2006, que a gente participou. Esse plano diretor acho que deu tão certo, tão certo no Centro Paula Souza com as escolas agrícolas, que, eu não sei se isso é oficial, mas virou o PPG que hoje todas as escolas têm, que é o Plano Plurianual de Gestão. É a mesma ideia. Nesse plano diretor, a gente tinha uma visão de um longo prazo. Imaginávamos a fazenda 5 anos na frente. E hoje é o que a gente usa no PPG. Hoje todas as Etecs, as Fatecs também elaboram o seu Plano Plurianual de Gestão com essa visão estratégica, com esse gerenciamento voltado pra longo prazo. Então acho que isso aí do ponto de vista de administração, da escola, da gestão da escola, isso aí revolucionou. Não só a escola nossa, mas acho que boa parte das Etec's. Hoje a gente segue montado esse plano PPG. Eu acho que dá uma projeção muito grande. Deixa claro o que as escolas querem e participa, todo mundo é chamado a participar desse plano. Então isso aí começou com esse curso do plano diretor das Etecs. Isso aí mudou a maneira de pensar a gestão das escolas. É eu acho que foi a grande conquista, o grande mérito que a gente passou nesse período todo. E hoje a gente incorpora isso no dia a dia da escola. Hoje a gente não consegue trabalhar sem esse planejamento. Até o próprio professor quando elabora o seu próprio PTD, o seu Plano de Trabalho Docente, tem que estar conectado ao plano de gestão. Os cursos, quando você planeja a implantação de cursos novos, o projeto de cursos novos, então tudo isso aí graças a Deus eu aprendi nesse período, de ter essa visão, de atender demandas da sociedade pra poder oferecer uma educação mais realista, com a realidade do local. Então acho que isso aí nossa, do ponto de vista pessoal, profissional, talvez foi o maior ganho. Do ponto de vista da Etec acho que é o que proporcionou a Etec ser o que ela é hoje. De ter essa força, de ter essa bunjança que tem hoje aqui na nossa região. Acho que foi nesse período aí que nós passamos.

JZMP: É essa ideia de se planejar a curto, médio e longo prazo, né Edvaldo, você tem essa garantia que mesmo que mude a equipe, as pessoas vão continuar desenvolvendo os projetos, aquilo que foi almejado, pra não perder essa continuidade. Então eu também concordo com você. Eu creio que também que foi um dos ganhos da escola.

EHN: E é o que eu tô falando, assim eu sempre friso isso. O Centro Paula Souza aprendeu, eles também, se a gente pegar o que que era o Centro Paula Souza, em 94, quando encampou as escolas agrícolas, e o que ele é hoje, o quanto ele mudou também. Então eu acho que foi uma revolução, uma transformação que veio, que pegou tudo. O próprio Centro teve que mudar, criou lá as capacitações no Centro Paula Souza, investiu muito na formação dos professores, investiu muito no aprimoramento da gestão do próprio Centro e então assim, a gente foi nesse embalo todo, foi junto. Eu acho que isso foi muito significativo, talvez num futuro, mais pra frente, olhando a história da educação profissional no Estado de São Paulo, nós vamos ver que esse período dos anos 2000, esses 20 anos pra trás aqui, vai ser um período que vai ser lembrado com grandes avanços eu acho.

JZMP: É, durante todo esse tempo que a nossa escola existe, até quando você não conhecia, eu também não conhecia, mas nós temos informações de que ela já formou diversos alunos de várias regiões do país. E você enquanto professor, depois enquanto diretor, teve um contato direto com esse pessoal, com as culturas de outros estados, e aí eu quero que você lembrasse de algum aluno que já concluiu, da sua área de agropecuária, como é que ele está hoje, como é que você mantém essa relação com seus alunos e se você se recorda de algum que está atuando na área de agropecuária hoje.

EHN: Olha, eu tinha até mais ou menos feito uma listinha aqui, mas vai ser até injusto com tantos alunos, que a gente lembra que passou pela escola, e que a gente tem carinho com eles. Mas eu lembrei de alguns. Vou pegar dos mais antigos, vindo pra cá. Então por exemplo, teve um rapaz da região de Avaré próxima, César, Cesinha. Ele formou na escola como técnico, depois foi trabalhar numa empresa grande de irrigação que é a Petroisa, trabalhou mais de 20 anos na Petroisa, recentemente, a uns 5 anos atrás ele saiu, montou a sua própria loja de revenda de agropecuária. Hoje ele é dono da Correia Agro que é uma loja muito boa, que atende a região de Avaré. Então ele virou um empresário do setor da agropecuária. Olha, tem aluno, Queçada, Luiz Quessada, ele virou, ele é dono de transportadora, ele é dono de uma rede de caminhões, que atende a transporte de grãos. Então é dono de uma transportadora de grãos. Também é da região de Itatinga. Tem o pessoal do Pará que eu tenho muito carinho pelo pessoal do Pará. A gente teve uma, recebeu muitos alunos do Pará

dos anos 2000 pra cá, acabou tendo até um nicho do pessoal que vinha de lá e a gente mantém até hoje esse atendimento dessa região do Pará que vem pra cá dos alunos e a primeira turma que começou a vim do Pará, 2002, 2003, que vieram uma leva de uns 10, 12 alunos do Pará, eles se formaram na escola, muitos deles, até vieram pra São Paulo, não pra estudar e voltar, mas pra buscar uma vida melhor mesmo. Saíram de lá, atravessaram o Brasil, para estudar aqui, alguns até permaneceram aqui. A escola foi até um indutor de uma mudança na vida deles. Então ficaram, casaram, trabalham aqui na região. Tem outros do Pará, eu vou citar esse aluno que é o Madson, ele se formou também em Agrimensura, no técnico em agrimensura que era um curso que a gente também tinha na escola. E ele voltou pro Pará, foi trabalhar em empresas que faz medições e foi pra África trabalhar com agrimensura. Então assim tem inúmeros. Daqui da nossa cidade mesmo, tem muitos alunos que se formaram, fizeram faculdades, trabalham hoje nas empresas daqui da região, inclusive na empresa, na Hidroceres, que é do Juninho Bassetto, no corpo de funcionários deles lá eles tem bastante ex-alunos nossos né, que estão bem sucedidos, que são agrônomos, inclusive, formaram em agronomia depois, o Hélio eu sei que formou lá; a Bruna, formou e trabalha lá. Mais recentemente, eu tenho um certo orgulho porque, eu me formei em Agronomia, em Piracicaba, e é tida como uma faculdade muito boa, e o sonho meu, desde quando fui professor aqui, falei puxa, mas ninguém, não temos representante da Orlando Quagliato estudando, fazendo Agronomia lá na ESALQ. E hoje a gente tem alunos lá. Ex-alunos da Etec, que se formaram aqui e que hoje fazem agronomia em Piracicaba. Tem o Bruno e tem o Luiz Fernando. O Bruno, os dois estão quase se formando. O Luiz Fernando já está trabalhando em Campinas. Então, é um orgulho nosso de ver como é que seguiram na Agronomia numa escola de renome e tal. E assim vai, nossa tem um monte de gente, de alunos que a gente guarda. O pessoal do Paraná, tem um aluno do Paraná, o Alaim, ele se formou aqui, ele já era produtor, a família dele já era produtora, de produtores rurais no Paraná. Ele se formou, voltou pra região dele, que era Diamante do Oeste, no Paraná, e depois eu sei, a família dele cultivava soja no Paraguai. Então ele foi plantar soja no Paraguai. Virou produtor de soja no Paraguai. Ta muito bem também, como produtor rural, plantando soja no Paraguai. Então é assim,, agrônomos, que se formaram aqui e foram trabalhar como representantes comerciais; temos uma aluna nossa Alessandra Renóbio, que ela formou em biologia e hoje trabalha na Special Dog que é uma empresa de ração aqui de Santa Cruz enorme, então é muita gente. Aí que a gente percebe o quanto a escola faz a diferença na vida dos alunos. Como é que ela foi tão importante pra tanta gente e deu o caminho de uma vida de trabalho digno, de ser uma cidadã, constituir uma família, de tocar sua vida. Isso foi um embrião que começou aqui, na educação profissional da Etec. Então é muito gratificante isso.

JZMP: Que jóia né! Quanta história! A gente acho que ficaria aqui horas e horas ouvindo os relatos e as experiências, as vivências de tantos e tantos alunos aí que estão no mercado de trabalho e passaram. Nós fizemos parte da vida. Talvez, a única oportunidade deles né Edvaldo, isso que eu falo, que a escola é pra isso. E assim, né esse ano que já completamos 50 anos de existência, a Etec Orlando Quagliato. O tempo passou, muitas nomenclaturas, os cursos foram mudando, veio toda essa parte de desenvolver essas atividades em duas sedes, num prédio emprestado e a gente vai seguindo em frente. Mas aí, contamos com 50 anos de existência. Conte pra gente como é que você vê todo esse processo de evolução da escola e o que que você espera, ou assim, como é que você vê a escola nos próximos anos?

EHN: Ah, eu acho que a escola chegou nos 50 anos, 50 anos com muita vitalidade. Eu acho que se ela fosse uma senhora, ela estaria muito jovem, muito bem conservada. Eu acho (risos). Porque ela é tão dinâmica, ela respondeu de forma tão dinâmica à essas transformações e a essa missão de formar pessoas, que eu acho que ela vai se manter jovem ainda por mais 50, por mais 100 anos pra frente. Eu já faz 25 anos, que eu dou aula aqui na escola. Então metade da vida da escola foi comigo, eu participei. E eu não me vejo, sendo um ser humano, pensando, tendo o valor que eu tenho, sentindo o que eu sinto como ser humano, como eu vejo o mundo, sem a escola. Faz parte. A minha vida é a escola nesse sentido. Não porque ela me deu, porque a gente trocou. E recebi muito dela. E eu acho que isso que é importante também. Eu me sinto preparado pra ficar mais 50 anos se precisar. Tenho vontade de continuar enquanto der. (risos), me sinto jovem como ela, como a escola. E, porque é assim, acho que não tem, não tem pelo menos comigo como pessoa, não tem uma missão que eu me veja na vida, melhor que essa que eu recebi de ser professor e de participar da formação de pessoas. De poder ajudar na vida dos jovens, dos estudantes. Pra mim isso é, eu quero até ser lembrado por isso se Deus permitir, de ter esse legado, de ter sido parte da Etec, de ter trabalhado nela como professor, de ter minha vida ligada à instituição; porque eu acho que tudo que eu sou eu devo a ela e ela se Deus quiser vai se manter vida ainda por muitos e muitos anos.

JZMP: Quem sabe aí no futuro a gente vai conquistar a nossa sede própria né? Um passinho já foi dado né Edvaldo?

EHN: Se Deus quiser, se Deus quiser.

JZMP: Então esse é o momento pra você fazer as suas considerações finais, desse nosso bate papo...

EHN: Então eu acho assim, eu tenho muito mais a agradecer pelo que eu recebi, pelo que eu sou como professor, do que, eu tenho muito mais a agradecer do que dar. Eu me sinto muito grato por ter minha vida, por onde conduzi minha vida dentro da Etec. Mas, eu também tenho assim uma visão, que eu acho que aí, eu quero deixar essa mensagem final legal, é a gente sabe talvez que a educação seja uma das missões mais nobres da sociedade, educar pessoas e tal. É, eu sou muito cético em relação a quando se fala nas políticas educacional, eu fico até meio cético porque eu acho que nenhuma delas até hoje levou a sério a educação pelo que eu vejo. Acho que, tão importante que eu considero, que eu acho que tudo o que se fizeram de política educacional ainda foi muito pouco pelo tanto que a educação merece, de importância que ela tem na sociedade. Mas, isso também não impede de a gente ficar sempre lamentando a falta que as políticas fazem na educação. Eu acho que a gente tem que mudar. Trabalhar pra mudar isso e, eu tenho essa visão: que a escola, ela, especialmente a Etec, como educação profissional, ela tem uma missão muito mais nobre do que só formar mão de obra para o mercado de trabalho. Eu acho que a Etec não é só isso. A nossa escola não é só isso. Ah, não; precisa de técnico em Agropecuária, vamos formar; precisa de técnico em Alimentos, vamos formar. Eu acho que não é só isso. A escola ela tem que ser uma indutora de desenvolvimento econômico e social de onde ela está atuando. E eu acho que isso é o nosso compromisso. É servir também pra formar as pessoas que vão contribuir para uma sociedade melhor, para uma vida melhor, dando um destino melhor pra vida de todo mundo. Eu acho que esse é o compromisso da escola também. Ela não pode se ausentar desse compromisso, de também ser ativa nisso. Ah não, vamos só formar, vamos só por mão de obra no mercado. Não, nós vamos também refletir sobre aquilo que nós queremos como cidadãos, como pessoas transformadas que vão trabalhar e que vão cuidar do futuro da sociedade nossa. Então eu acho que esse é o compromisso da escola também. É assim que eu vejo a nossa escola, tá bom? Essa é a mensagem que eu quero deixar. Que nós temos que lutar pra melhorar a sociedade.

JZMP: É a luta não para. A luta, ela continua e tem que continuar. É isso Edvaldo, eu agradeço mais uma vez a sua disposição por estar aí contribuindo com esse processo, esse registro da sua história de vida que fez parte da escola, faz parte da escola ainda, então é muito bacana a gente poder relatar isso e deixar isso registrado. Então mais uma vez, eu agradeço imensamente a sua disposição e quem sabe a gente se vê num próximo aí, numa nova oportunidade, pra contar outras histórias (risos)

EHN: Tem que ter muito mais histórias pra falar ainda, se Deus quiser. Eu agradeço a você Janice, o convite, fiquei muito honrado de participar contando a minha história, mas eu quero deixar também que ela não vai acabar aqui não, eu quero continuar ainda...

JZMP: Com certeza! Cada hora eu vou fatiar um pedacinho e você pode ter certeza, que você vai estar incluso aí. Não tem como né Edvaldo, a gente não tem como. Você está lá, o vínculo existe, então não tem como a gente desgarrar, então a gente tem que seguir em frente.

EHN: É verdade. Obrigado.

JZMP: Eu que agradeço.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Edvaldo Haroldo Nicolini

Janice Zilio Martins Pedros

Técnico em Agropecuária

Escola Técnica Estadual

Estágio

Agronomia

Ciências Agrária

Licenciatura

Companhia de Santos

Imigrantes

Fazendas de café

ATZ - Atividades Práticas Zootécnicas

ATA- Atividades Práticas de Agricultura

Grupo Permanente de Estudos e Projetos Interdisciplinares

Projeto Jovem Empreendedor de 1999

Fundação Vitae

Psicultura

Biodigestor

Convivência com aluno

Laços afetivos

Ética

Fazenda escola

Currículo

Mudanças Curriculares

ETIM Agropecuária

Plano Estratégico

Plano Diretor de Gestão

Plano de Trabalho Docente

Máquinas Agrícolas

Gestão escolar

Formação continuada de professores

Ensino Médio

Dados Biográficos do Entrevistado



Edvaldo Haroldo Nicolini. Nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo em 02 de abril de 1964. Fez educação básica, de 1971 a 1974, o ensino Ensino Fundamental da 1ª a 4ª série (Antigo Ensino Primário) no Grupo Escolar "Professora Maria Joaquina do Espírito Santo" de Santa Cruz do Rio Pardo/SP, e de 1975 a 1978, o Ensino Fundamental (5 a 8ª série) na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau (EEPSG) "Professor José Marques da Cruz" de São Paulo/Capital. De 1979 a 1981, fez o Ensino Médio na Escola Estadual de Primeiro e Segundo

Grau (EEPSG) “Professor José Marques da Cruz” de São Paulo/Capital. Graduação em Engenharia Agrônoma e Licenciatura Plena em Ciências Agrárias pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – ESALQ/USP (1996). Especialização em Gestão Estratégica 19 da Educação pela Centro Universitário UNIBTA (2011). Mestrado em Ciências, na Área de concentração em Ecologia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, no Centro de Energia Nuclear na Agricultura – ESALQ/CENA/USP (2016). Quanto a trajetória profissional, de 1979 a 1991, foi Auxiliar de Farmácia em empresa familiar e Professor do Ensino Médio Técnico do Centro Paula Souza/Etec Orlando Quagliato de 1997 a presente data. Foi Diretor de Escola na Etec Orlando Quagliato de 2004 a 2012.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Janice Zilio Martins Pedroso - Nascida em Santa Cruz do Rio Pardo, em 04 de junho de 1974. Fez o Ensino Fundamental na EEPG “Sinharinha Camarinha” e o Ensino Médio na EESG “Leônidas do Amaral Vieira” (1990 a 1992). Graduação em Análise de Sistemas na Universidade do Sagrado Coração (1993 a 1996). Licenciatura em Processamento de Dados na Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1998). Especialização Latu Sensu em Informática em Educação- Universidade Federal de Lavras (1999 a 2000). Licenciatura Plena em

Matemática na Universidade Bandeirantes de São Paulo (2000). Licenciatura Plena em Pedagogia- Faculdade de Pinhais (2008 a 2011). Especialização Latu Sensu em Docência e Pesquisa para o Ensino Superior- Universidade Metropolitana de Santos (2017 a 2018) e Especialização Latu Sensu em Metodologia do Ensino de Matemática Faculdades Metropolitanas de São Paulo (2019 a 2020). Desde 1997, é professora na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho e na Etec Orlando Quagliato. Foi Instrutora de Informática no Senai/Santa Cruz do Rio Pardo (2005 a 2007); Coordenadora de curso (2002 a 2003; 2007 a 2009) e Coordenadora pedagógica (2009 a 2017), ambos na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla 20 Sobrinho. Desde 2019, é Coordenadora de curso na Etec Orlando Quagliato. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa- Preservação dos Bens Culturais: História, Memória, Identidade e Educação Patrimonial – Universidade Estadual do Norte Pioneiro, desde 2021.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão abertos online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Edvaldo Haroldo Nicolini

Termo de Autorização para uso de Imagem de Edvaldo Haroldo Nicolini